

SEDIMENTAÇÃO MARGO-CALCÁRIA NO CONTEXTO DAS BACIAS LUSITÂNICA E DE BENGUELA. OS CASOS DAS FORMAÇÕES DE S. GIÃO (TOARCIANO, PORTUGAL) E DE QUISSONDE (ALBIANO, ANGOLA)

Luís Vítor Duarte¹; Januário Segundo²; Pedro Callapez³

¹ DCT e IMAR, Universidade de Coimbra (Portugal); ² Escola do Ensino Secundário Major Saydi Mingas, Lobito (Angola); ³ DCT e Centro de Geofísica, Universidade de Coimbra (Portugal)

RESUMO: As bacias Lusitânica (Portugal) e de Benguela (Angola) localizam-se no bordo oriental do oceano Atlântico e apresentam registos sedimentares notáveis nas suas porções *onshore*, embora traduzam contextos geotectónicos, genéticos e estratigráficos díspares e, apenas em parte, simultâneos. Entre os seus múltiplos aspetos, ressaltam sucessões espessas de natureza carbonatada, referências no contexto evolutivo das margens continentais setentrional e meridional do Atlântico. De idade jurássica, no caso da Bacia Lusitânica; do Cretácico Inferior, na Bacia de Benguela. Entre as diversas singularidades no processo evolutivo de cada bacia, ressaltam algumas características comuns, evidenciando-se neste domínio, uma expressiva sedimentação margo e argilo-calcária, datada do Toarciano (Formação de S. Gião) na bacia portuguesa, e do Albiano Superior (Formação de Quissonde) na bacia angolana.

No seguimento do conhecimento detalhado hoje existente sobre a Formação de S. Gião em toda a Bacia Lusitânica, e dos mais recentes estudos efetuados na Formação de Quissonde na região do Lobito, apresentam-se neste trabalho alguns argumentos estratigráficos, sedimentológicos e sequenciais quanto às semelhanças e diferenças destas duas unidades no contexto evolutivo e paleoambiental das duas bacias. Com efeito, em ambos os casos dominam fácies carbonatadas, muito fossilíferas (invertebrados marinhos nectónicos e bentónicos), com particular ênfase para a ocorrência de amonóides e de microfauna planctónica (no caso do Albiano), permitindo um controlo biostratigráfico preciso das sucessões sedimentares. Neste âmbito, e apesar das limitações na continuidade sedimentar observada no Cretácico Superior do *onshore* da Bacia de Benguela, todas as evidências sugerem que em ambos os intervalos apontados para cada bacia, se tenha verificado uma fase de maior transgressão (inundação de 1ª ordem). Apesar desta sobreposição, e do consequente posicionamento bacinal em relação à área-mãe, a sedimentação albiana mostra um maior contributo siliciclástico (quartzo, feldspato potássico, plagioclase e minerais ferromagnesianos) a partir das suas áreas marginais de natureza ígnea e metamórfica, ao tempo, integradas em relevos cratónicos expressivos. Para além da sedimentação siliciclástica, evidenciam-se em certas sequências da Formação de Quissonde uma componente dolomítica e calciclástica (bioclastos, oólitos, intraclastos) assinalável, com forte variação lateral de fácies visível à escala do *onshore*. Desta diferenciação sedimentar observada nos enchimentos carbonatados em cada bacia, e tendo por base todos os enquadramentos tectónicos e estratigráficos, resultam necessariamente modelos deposicionais bem diferenciados.

PALAVRAS CHAVE: Bacias atlânticas; Sedimentação margo-calcária; Estratigrafia integrada.